

Carta para o meu filho Arthur ou Como chegamos na Aldeia A'Ukre¹

Thaís de Souza Pereira

Uberlândia, 15 de março de 2024.

Oi meu filho!

Hoje eu resolvi fazer uma carta para você. Fui inspirada pela Valéria, professora querida, e o Sensibilidades Antropológicas, o projeto dela que tem o podcast que eu estava ouvindo e gostando tanto, lembra? Com alguns episódios de cartas sonoras.

Quando eu pensei em escrever uma carta, a primeira pessoa que me veio foi você... meu filho. Eu escrevi uma carta para você não tem muito tempo, né? Foi quando a escola propôs, e eu achei muito legal. Ficou tão grande, né? Você comentou. Quando a gente pára para escrever uma carta para alguém, vem tanta coisa que a gente quer falar, acaba que rende! A carta que eu escrevi foi uma carta de finalização do ciclo do fundamental I na escola. Agora essa carta eu quero falar sobre a nossa viagem para a aldeia A'Ukre. Em 2017, eu estava indo para fazer o trabalho de campo da minha dissertação. Era minha terceira visita à aldeia e eu levei você, então com 4 anos, completando 5. Você lembra um pouco, né?

Eu queria falar um pouco sobre a nossa viagem nesta carta, como chegamos na aldeia A'Ukre. Eu fui a primeira vez para a aldeia em 2014, você estava com 1 ano e 8 meses. Na época, lançaram um edital para um curso de campo lá. Eu estudava, então, educação. Era o tema que eu escolhi pesquisar no meu trabalho de conclusão de curso. E teve muito a ver com você a escolha desse tema, inclusive, né? Antes de você nascer, eu pensava em estudar algo relacionado a religião no trabalho de conclusão de curso. Mas com a sua vinda, sua chegada na minha vida, cada vez mais eu tive interesse em entender, estudar mais sobre educação e infância.

O tema do meu TCC foi educação escolar infantil. O que tem muito a ver com você ter entrado na escola com 1 aninho. Era uma EMEI, Escola Municipal de Educação Infantil. Para que eu pudesse continuar meu curso de Ciências Sociais e trabalhar no turno da tarde. Como você, muitas crianças entravam na escola ainda bebês, a partir dos 4 meses. As vagas eram concorridas e tinha lista de espera. Eu me interessei por pesquisar mais sobre esse tema da educação escolar de bebês.

¹Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024);

Nessa época, pouco após o período que fiz trabalho de campo em uma escola infantil, foi lançado um edital com bolsa para um curso de campo na aldeia Kayapó A'Ukre. Eu fiquei interessada, me inscrevi e deu certo!

Eu achei incrível como as crianças da aldeia, já a partir de uns cinco anos, andam em grupos com outras crianças com muita liberdade, brincando no rio, nas trilhas, nas árvores, no pátio da aldeia e nos arredores das casas.

Conhecer e vivenciar um pouco de como as crianças, as mães, famílias e a sociedade *Mebengokre* em geral lida com o aprendizado e o processo da vida, suas relações, ideias, atividades e ritos, me afetaram muito. Me afetaram enquanto mãe, enquanto pessoa nascida e cultivada em cidade, enquanto estudante de antropologia e pesquisadora da área educacional.

Consegui entrar no mestrado com um projeto de pesquisa sobre a infância *Mebengokre-Kayapó*, em 2016. Nesse mesmo ano, pude ser colaboradora em um projeto de capacitação audiovisual e criação do Centro de Mídia *Kokojagoti* na aldeia, e voltar por mais um mês.

Nessa viagem, desenvolvi amizade com várias pessoas, especialmente com as que me adotaram como família. Foram momentos muito especiais. Lembro bem do dia em que eu estava vendo artesanatos de miçangas de algumas *mekrapdire* (que são as mulheres jovens, geralmente que já têm filhos) embaixo das árvores no fundo da casa delas. Entre tentativas de comunicação e risadas, Irepa falou que eu era irmã dela, *ikanikwei*. E falou também que as iruá que estavam com ela (irmãs jovens da mãe, que sempre estavam juntas no cotidiano), eram também minhas iruá; sua filha, era minha filha, *ikrá*. Depois a mãe e o pai dela me disseram que agora eu era filha deles também, e você, filho (de quem eu tinha falado, mas que não tinha ido comigo), era neto deles; minha mãe me falou o nome e parentesco de muitas pessoas de A'Ukre, outras aldeias ou que estavam morando na cidade, e agora eram minha família.

A partir de então, principalmente minha irmã, as iruá mais jovens, as crianças e meninas adolescentes que eram minhas filhas, irmãs, e sobrinhas, chamavam para ir à roça ou ao rio com elas; me visitavam e eu também visitava muito. Me ensinavam como faziam as coisas, achavam muita graça das minhas tentativas; me incentivavam a tentar falar *mebengokre*, a subir em árvore de jenipapo, a cantar suas músicas ou continuar um padrão em um bracelete de miçangas. Era muito divertido e muito aprendizado estar com elas.

Antes dos *metoro* me chamavam para fazer minha pintura.. uma iruá ou minha irmã. Me puxavam para dançar com elas. Colocavam as crianças, principalmente minha filha, no meu colo para eu cuidar, e falavam para ela que eu era “mamãe”. Perguntavam sobre nossa família na cidade, minha vida; me falavam de seus costumes e concepções e me instruíam sobre como agir com as pessoas da aldeia de acordo com suas regras sociais.

Fomos também adotados em outra família de A’Ukre. Um dos *mebengueite* colaboradores nas traduções no projeto, com quem eu conversava muito e desenvolvi amizade ao longo dos dias, me levou até a frente da sua casa um dia à noite, onde estava sua família; me falou que gostava muito de mim, como sua filha, e sua esposa também, que agora eles também eram minha família e que você, meu filho (que não tinha ido mas que ele sabia que eu tinha) ia receber o nome dele. Eles me presentearam com um colar, brincos e braceletes. Fiquei muito emocionada com o acolhimento, especialmente dos familiares que me adotaram. Fiquei surpresa com a adoção em uma segunda família, que não é um costume lá.

Quando fomos embora nessa ocasião, muitos perguntavam quando iria voltar, e eu falava do planejamento do retorno para o trabalho de campo da dissertação, e que eu iria levar você comigo da próxima vez. Organizei a viagem para irmos no final de 2017, quando o rio enchesse e fosse possível ir de barco até a aldeia.

Falei um pouco nessa carta de como conheci a aldeia, para organizar, depois, nossa viagem juntos para lá. Acho que já falei muito nessa carta, né? Sobre a nossa viagem, vai ficar para a próxima! Espero que logo possamos voltar, deu saudades!

Um beijo, te amo filho!